

## Um “Rumo” para “Godido”: a personagem de João Dias em diálogo com os poemas de Alda Lara e Noémia de Sousa

Doutoranda Érica Antunes Pereira<sup>1</sup> (USP/FAPESP)

### **Resumo:**

*"Godido", de João Dias, é considerado um dos primeiros contos moçambicanos a denunciar a exploração do colonizado (negro) pelo colonizador (branco) e se tornou fonte de inspiração para os poemas "Rumo" (1951), da angolana Alda Lara, e "Godido" (1952), da moçambicana Noémia de Sousa. Os poemas se diferenciam do conto, para além da forma, à medida que apresentam dois sujeitos poéticos femininos e estes dialogam com a personagem central do texto de João Dias, Godido, incitando-a a insistir na caminhada em busca do próprio espaço na sociedade. Partindo de tal dado e considerando, ainda, a situação de "duplamente colonizada" (BONNICI, 2000) atribuída à mulher, pretendemos, nesse trabalho, analisar como os discursos dos sujeitos poéticos presentes nos referidos poemas se articulam com uma proposta de ação em que o objetivo é a conquista de uma identidade feminina.*

**Palavras-chave:** literaturas africanas de língua portuguesa, poesia, identidade feminina, Angola, Moçambique.

*Juntos cantaremos  
O cântico dum novo dia.*

Alda Espírito Santo

Embora tenha sido publicado somente em 1952, três anos após a morte do autor, no volume *Godido e outros contos*, organizado por Alda Lara, Vítor Evaristo e Orlando de Albuquerque, o conto “Godido”, de João Dias, marcou a literatura moçambicana por denunciar a exploração do colonizado (negro) pelo colonizador (branco) num contexto em que imperavam as injustiças sociais.

Godido é um menino de onze anos que, para não ser sexualmente molestado pelo patrão branco e possível pai, o senhor Manuel Costa, segue o conselho da mãe e foge da aldeia. A cidade, então, passa a ser edenizada, significando, para o rapaz, um novo rumo, a esperança de que “Os pretos não estariam mais puxando carroças, como na quinta” (DIAS, 1972, p. 187). Já o nome da personagem, Godido, remete-nos ao filho do Imperador de Gaza, Godide, e, à medida que se insurge contra os desmandos do proprietário da sanzala e ganha a estrada, representa, tal qual o primogênito de Ngungunhane, “a resistência do povo moçambicano ao invasor europeu, funcionando como símbolo das reivindicações sociais no espaço colonial português” (PETROV, 2001).

Nessa senda, também precisamos voltar nossos olhos para uma personagem feminina, Carlota, mãe de Godido e a primeira a perceber a necessidade de transgredir as “leis” impostas pelo senhor Costa na aldeia. Para si, porém, a situação parece incontornável, posto estar condenada a viver “entre o quarto do senhor Costa e os negros da palhota” (DIAS, 1972, p. 186), mas “Godido precisava outros rumos”, pois “a vida estava um bocado além da mandioca e do chicote” (DIAS, 1972, p. 186). Carlota, como vemos, age por extensão, uma vez que se revela a grande incentivadora desse filho que parte em busca de melhores condições de vida; mais ainda, estrategicamente, ela se diz desesperada pelo desaparecimento de Godido e, com esse gesto, impede

que o patrão empreenda uma caçada ao menino na região: “— Minha Godido ficou maluco; fugiu... fugiu do soroviço. Dêxou patrão, dêxou mãe. Maluco!” Essa mãe, a um só tempo, é a mentora e a executora de um plano que não lhe beneficia diretamente, mas que simboliza o nascimento de uma nova fase para os filhos de Moçambique.

Os sujeitos poéticos dos poemas “Rumo” (1984, p. 79) e “Godido” (2001, p. 130-132) – escritos, respectivamente, por Alda Lara e Noémia de Sousa e dedicados à memória de João Dias – conservam a sede de mudança que impulsiona Carlota e, ao lado desta, posicionam-se como guardiães de Godido, incentivando-o a seguir, sem esmorecer, o caminho que lhe foi traçado e que representa a esperança e a renovação de toda uma sociedade. Vejamos, para começar, o poema “Rumo”, de Alda Lara:

É tempo companheiro!  
Caminhemos...  
Longe, a Terra chama por nós,  
e ninguém resiste à voz  
da Terra!...

Nela,  
o mesmo sol ardente nos queimou  
a mesma lua triste nos acariciou,  
e se tu és negro,  
e eu sou branca,  
a mesma Terra nos gerou!

Vamos companheiro!  
É tempo...  
Que o meu coração  
se abra à mágoa das tuas mágoas  
e em prazer dos teus prazeres  
irmão:  
que as minhas mãos brancas  
se estendam  
para estreitar com amor  
as tuas longas mãos negras...  
E o seu suor,  
quando rasgarmos os trilhos  
de um mundo melhor.

Vamos!  
que outro aceno nos inflama...  
Ouves?  
É a Terra que nos chama...

E é tempo companheiro!  
Caminhemos...

Como podemos perceber, o emprego da primeira pessoa do plural – nós –, aliado ao imperativo afirmativo, permeia todo o poema, sobretudo na reiteração dos versos “Caminhemos...” ou “Vamos companheiro!”. Há um sujeito poético feminino que, como a mãe, impulsiona Godido a não desistir de buscar novos horizontes: “Longe, a Terra chama por nós”. A maiúscula alegorizante que vemos em “Terra” nos faz pensar que a cidade representa a “terra prometida” e paradisíaca sobre a qual convergem todas as expectativas de mudança social. O sujeito poético, ainda que seja bastante persuasivo, põe-se em posição de igualdade com Godido, o que depreendemos dos vocativos “companheiro” e “irmão”, utilizados em três das cinco estrofes, e pela referência direta a

uma identidade que ultrapassa as relações raciais: “e se tu és negro,/ e eu sou branca,/ a mesma Terra nos gerou!”. Por outro lado, é sempre o sujeito poético – tal qual a mãe no conto de João Dias – quem dá força e estímulo a Godido, de modo que temos a sensação de que, sem a mão protetora daquele, o final da estrada seria muito mais difícil de ser alcançado: “que as minhas mãos brancas/ se estendam/ para estreitar com amor/ as tuas longas mãos negras...”. Godido, assim, revela-se paradoxalmente frágil e obstinado; se sozinho não parece habilidoso o suficiente para articular as injustiças a que é exposto – lembremos da configuração da vida na sanzala –, por outro lado, paira sobre o menino um senso de justiça adquirida que o torna determinado a, representando a coletividade ou a sua gente, lutar por “um mundo melhor”.

Nesse poema de Alda Lara, há também uma tendência à utilização de versos exclamativos e reticentes que indicam tanto ações afirmativas quanto de reflexão, como nos versos “É tempo companheiro!/ Caminhemos...”. Os verbos de ação e os ligados aos órgãos dos sentidos, com destaque para o tato – “queimou”, “acariciou” –, bem como a explosão de uma “voz inquieta” (MATA, 2001) – já que “ninguém resiste à voz/ da Terra!...” – dão notícia de um sujeito poético empenhado em manter acesa a chama da esperança que se presta como um “Rumo” para Godido.

Verificamos esse mesmo empenho no poema “Godido”, de Noémia de Sousa, à medida que se apresenta um sujeito poético feminino que compartilha suas experiências pessoais com a personagem do conto de João Dias. Vejamos:

Dos longes do meu sertão natal,  
eu desci à cidade da civilização.  
Embriaguei-me de pasmo entre os astros  
suspensos dos postes das ruas  
e atracção das montras nuas  
tomou-me a respiração.  
Todo esse brilho de névoa, ténue e superficial  
que envolve a capital,  
me cegou e fez de mim coisa sua.

Quando cheguei,  
trazia no olhar a luz verde dos negros simples  
e uma dádiva maravilhosa em cada mão.

Mas a cidade, a cidade, a cidade!  
Esmagou com os pneus do seu luxo,  
sem caridade,  
meus pés cortados nos trilhos duros do sertão.  
Encarcerou-me numa neblina quase palpável de ódio e desprezo,

e ignorando a luz verde do meu olhar,  
a maravilhosa oferta  
(essa estrela, esse tesouro) de cada minha mão aberta,  
exigiu-me impiedosamente a abdicação  
da minha qualidade intangível de ser humano!

Nas noites frias,  
sem batuque, sem lua,  
as estrelas continuaram brilhando, insensíveis,  
através da cacimba, suspensas dos postes da rua.  
Minha consolação:  
Minha Mãe silenciosa oferecendo-me suas costas nuas,  
mornas como sol de inverno..  
minha Mãe vencendo a cacimba e a solidão,

para me vir belekar,  
humilde e sofredora, com suas tocantes canções de acalantar!

Ah, mas eu não me deixei adormecer!  
Levantei-me e gritei contra a noite sem lua,  
sem batuque, sem nada que me falasse da minha África,  
da sua beleza majestosa e natural,  
sem uma única gota da sua magia!  
A luz verde incendiou-se no meu olhar  
e foi fogueira vermelha na noite fria  
dos revoltados

Ainda grito,  
porque quero ser ainda, sempre, pela vida fora,  
o que fui outrora:  
Rainha nas costas de minha Mãe!

Como tu, meu irmão negro, desorientado e perdido,  
na cidade cruel...  
Como tu!

Por isso é que este meu canto ingénuo que soa banal,  
traz no seu fundo mais fundo, Godido, meu irmão  
a marca rubra dum selo fraternal,  
constante e imortal!

O poema, composto por nove estrofes heterométricas, é escrito na primeira pessoa do singular – eu –, indicando um sujeito poético que se vale da própria experiência para dialogar com Godido: “Quando cheguei,/ trazia no olhar a luz verde dos negros simples/ e uma dádiva maravilhosa em cada mão.” Nesse sentido, observamos que, nas seis primeiras estrofes, os verbos são empregados no pretérito perfeito; trata-se de uma estratégia encontrada pelo sujeito poético para, narrando os percalços que teve de enfrentar, prevenir o menino: “Mas a cidade, a cidade, a cidade!/ Esmagou com os pneus do seu luxo,/ sem caridade,/ meus pés cortados nos trilhos duros do sertão.” A prevenção, porém, é logo seguida pelo encorajamento: “Minha consolação:/ Minha Mãe silenciosa oferecendo-me suas costas nuas,/ mornas como sol de inverno.../ minha Mãe vencendo a cacimba e a solidão,/ para me vir belekar,/ humilde e sofredora, com suas tocantes canções de acalantar!” Escrita com a inicial maiúscula, a palavra “Mãe” deve ser lida como aquela que, em seu solo, abriga todos os filhos, ou seja, como a “Mãe-África”. Assim, a cidade, ainda que de “noites frias,/ sem batuque, sem lua”, é como uma parte do corpo dessa “Mãe” que oferece as “costas nuas” e “mornas” para que o sujeito poético jamais se sinta desamparado.

O papel do sujeito poético feminino no poema de Noémia de Sousa, portanto, está intrinsecamente ligado ao dessa “Mãe” que abriga e encoraja; na sexta estrofe, há uma reviravolta no comportamento do sujeito poético que, agora, deseja agir, valendo-se, para tanto, do grito, da voz: “Levantei-me e gritei contra a noite sem lua”. Esse grito-ação significa a renovação das esperanças, simbolizada pelo verde do “olhar” – “A luz verde incendiou-se no meu olhar/ e foi fogueira vermelha na noite fria/ dos revoltados.” – e pelo emprego dos verbos, a partir desse momento, no presente do indicativo. Trata-se, pois, do início de um novo caminho: o de “ser ainda, sempre, pela vida fora,/ o que fui outrora:/ Rainha nas costas de minha Mãe!”. De fato, o eixo do poema se encontra na sexta e sétima estrofes, pois é nelas que o sujeito poético se volta – como Godido – contra uma situação imposta, posicionando-se. Em outras palavras, enxergamos, a partir desse ponto, o colonizado que pretende retomar as rédeas da própria vida, bem como a terra que lhe foi arrancada.

Mas o compartilhamento da experiência só surge, efetivamente, na oitava estrofe, quando o sujeito poético invoca Godido, o “irmão negro”, e lhe dirige a palavra de forma mais direta: “Como tu, meu irmão negro, desorientado e perdido,/ na cidade cruel.../ Como tu!”. É como se o sujeito poético se lembrasse de sua posição de mãe e mulher e, tal qual Carlota ou a mulher que vimos no poema de Alda Lara, se prestasse, também, ao papel protetor ou de amparo a Godido. No entanto, mesmo essa postura passa por uma reviravolta quando, nos últimos quatro versos, ocorre a equiparação integral entre o sujeito poético e o menino: “Por isso é que este meu canto ingênuo que soa banal,/ traz no seu fundo mais fundo, Godido, meu irmão/ a marca rubra dum selo fraternal,/ constante e imortal!”.

Por tudo quanto observamos ao longo do texto, podemos afirmar que os sujeitos poéticos que se apresentam nos poemas “Rumo”, de Alda Lara, e “Godido”, de Noémia de Sousa, procuram superar a situação de “duplamente colonizados” (BONNICI, 2000) – além de africanas, elas são mulheres – e manter, com Godido, o menino de onze anos que representa o novo ou a esperança no devir, um diálogo permanente. Num primeiro momento, quer pela força persuasiva do gesto, quer pelo valor da experiência dessas mulheres – e aqui situamos, além dos dois sujeitos poéticos, também Carlota, a mãe do garoto no conto de João Dias –, Godido parece carecer de uma mão para guiá-lo no caminho que liga a aldeia à cidade. No entanto, à medida que os sujeitos poéticos externam uma voz que, por muito tempo, se manteve presa, e dão passagem também ao grito identitário, verificamos que o diálogo com o novo – Godido – se dinamiza: essas mulheres já não se posicionam como guardiãs do menino, elas passam a vê-lo como a um par, um companheiro, um irmão, e com ele trilham o caminho cujo destino simbolizado pela cidade se chama, na verdade, justiça social.

## **Referências Bibliográficas**

[1] DIAS, João. Godido. In: CÉSAR, Armândio. *Antologia do conto ultramarino*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 183-187.

[2] LARA, Alda. *Poemas*. 4. ed. Porto: Vertente, 1984.

[3] MATA, Inocência. *Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*. Luanda: Kilombelombe, 2001.

[4] PETROV, Petar. Transparências e ambigüidades na narrativa moçambicana contemporânea. In: *Anais do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada*. Vol. I. Évora: Universidade de Évora, 9 a 12 de maio de 2001. Disponível em: <<http://www.eventos.uevora.pt/comparada/VolumeI/TRANSPAREN-CIAS%20E%20AMBIGUIDADES.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2007.

[5] SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. Maputo: AEMO, 2001.

---

## **Autora**

<sup>1</sup> **Érica ANTUNES PEREIRA, Doutoranda.**

Universidade de São Paulo (USP).

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

E-mail: erica.antunes@gmail.com